

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Estado

Class.: 41

Data: 28/10/83

Pg.: _____

PATAXÓ: um índio em busca de sua identidade (última da série)

Eles se tocam pouco, mas amam melhor que o branco

Reportagem de Márcia Lage (texto) e Marcos Guião (fotos)

As relações familiares, afetivas e sexuais dos índios Pataxós são, talvez, as únicas coisas que ainda os diferem do branco ou da comunidade rural brasileira. Eles têm a sua moral (são fiéis, não costumam manter relações sexuais antes do casamento e não se separam facilmente), mas não é uma moral imposta.

Apesar da Igreja Católica ter ensinado o casamento e os batizados, eles casam na adolescência, às vezes antes mesmo de a menina ter sua primeira menstruação. E têm tantos filhos quantos vierem, com uma diferença média de dois anos, por causa do aleitamento.

São estas questões que Márcia Lage e Marcos Guião abordam hoje, na última reportagem da série sobre os Pataxós. Não são questões fechadas, apenas observações obtidas no convívio de quatro dias na aldeia e dezenas de entrevistas com homens, mulheres e crianças.

A conclusão é que os índios, apesar da pobreza, das dificuldades e dos contatos com a civilização, mantêm um estilo de vida mais puro e menos neurótico do que o dos habitantes das cidades, resultado da vida ao ar livre, da relação comunitária e do desconhecimento de questões que, ao invés de libertar, aprisionam, como as informações teóricas sobre sexo.

Sem saber de orgasmo e posições sexuais, o índio mantém uma vida sexual plenamente satisfatória, com grande prazer para o homem e a mulher, segundo os depoimentos obtidos. Este relacionamento dispensa adornos e charmes, é apenas físico e sensitivo, e por isso dura até a velhice, sem impotência ou frigidez.

MEMO massacrados pela cultura e civilização branca, os índios Pataxós conservam um estilo de vida muito próprio, não tanto físico, mas mental e psicológico. Eles não batem nos filhos, por exemplo, e são extremamente carinhosos na relação com a família, normalmente numerosa.

As crianças, por sua vez, não são chatas com as crianças da cidade. Não choram à toa, não fazem birra e têm um respeito enorme pelas pessoas mais velhas, numa relação que transcende o núcleo familiar e estende-se por toda a aldeia.

As mães amamentam os filhos por dois anos, tempo médio entre um parto e outro, e têm filhos deitadas e não de cócoras, como outras índias. A aldeia possui suas parteiras, e por mais que o médico proíba, a cura dos umbigos é feita com fumo e teia de aranha, o que até hoje não provocou a morte de nenhum bebê.

Quitoco é o nome que os Pataxós dão às crianças, às quais eles se referem sempre no diminutivo: "Aquelezinho ali é meu". "Essazinha também. Indinha, venha cá, venha ver a inré" (moça). Falam baixo e riem muito. Mas se tocam pouco.

O namoro começa cedo, aos 10 anos para as meninas, aos 13 para os meninos. Antigamente era assim: o rapazinho passava e olhava para a mocinha. Se ela sorria ele podia continuar o cerco. No outro dia ele sorria para ela. Se ela jogasse uma pedrinha nele, estava selado o compromisso. Al ele pedia a mão dela aos pais. Meses depois iam morar juntos.

Hoje não é mais assim. Os adolescentes namoram cedo, sem o jogo dos sorrisos e das pedrinhas, numa relação mais direta, mas sem toques. Se os pais pegam os filhos se beijando, ou de mãos dadas, o casamento é obrigatório. Todo mês de janeiro vai um padre na aldeia e casa todos os que estão juntos e batiza todas as crianças. Depois há uma festa geral, o "Aué".

Por se casarem cedo, é comum mães e filhas terem filhos da mesma idade. As famílias são criadas juntas, em pequenos núcleos onde estão os velhos, os filhos, os netos e os bisnetos, unindo-se quatro gerações numa mesma rua, o que dá aos velhos uma oportunidade de integração muito maior que nas cidades.

As relações entre as pessoas são menos neuróticas, embora já se note na aldeia uma certa desconfiança também no índio, depois que o dinheiro passou a ser importante e as famílias se diferenciavam umas das outras em termos aquisitivos, por causa da área plantada. É que, entre os Pataxós, não há um tamanho de terreno único. O índio pode ir plantando mata a dentro, e quem plantar mais, tem mais.

O subcacique Alfredo é um dos que têm um padrão de vida melhor. Ele mudou-se com a família para a roça, que é uma das maiores e retirada da aldeia cerca de dois quilômetros. Ali ele tem uma casinha de telha



A relação com os filhos é afetiva e calma. Os índios não xingam e não batem nas crianças

e piso de cimento, o que não é comum, uma hora, pés de frutas, animais e até uma vaquinha.

No dia da entrega dos presentes que o Colégio Anchieta levou à tribo uma índia disse à outra: "Fica udo nas mãos dos caciques. A gente mesmo não vê udo". Pode ser. Mas os caciques são os que trabalham mais na aldeia, participando ativamente de todos os programas coletivos. Nem toda a tribo se interessou, por exemplo, em ajudar na horta comunitária e na abertura do lago para os peixes. E por isso que nem todos recebem a produção. Tenta-se na aldeia estabelecer uma consciência coletiva, mas a desconfiança típica dos brancos já chegou lá.

Dinheiro

Os Pataxós são loucos por dinheiro e vendem caro o seu artesanato, que é muito pobre: colares e pulseiras de conchas, contas, sementes coloridas e umas poucas penas. Alguns trabalham com cascos de tartaruga e coco, fazendo uns anéis mais delicados; mas também sem grande criatividade. Eles cobram Cr\$500,00 por um anel, de Cr\$100,00 a Cr\$300,00 por um colar, e sete mil cruzeiros por uma cortina de contas e sementes, uma das poucas coisas bonitas.

Os arcos e flechas são feios e pequenos, talvez porque os índios já não usem estes instrumentos para a caça. Alguns criam um pouco mais, fazendo grandes cobras com a mesma madeira do arco. O mais característica da tribo são bolsinhas da casca de um certo tipo de palmeira. Eles mesmos não usam estes adornos, são apenas para venda.

As roupas que eles vestem são doadas por amigos brancos, e grande maioria de Belo Horizonte. No final da visita do Colégio Anchieta eles fizeram diversas trocas, principalmente de roupas de cama, por artesanato e passáros.

Eles prendem curiós, gaturamos, sabiás e periquitos, vendendo os primeiros, cantando, por Cr\$30.000,00. Filhotes de curió são vendidos a sete, oito mil, sabiás a 10 mil, gaturamos a dois mil o casal e periquitos a três mil.

Eles vendem tudo o que podem, para arranjar dinheiro para comprar as coisas que não produzem, principalmente pilhas para os rádios e velas para a iluminação. Não são presenteadores, mas também não pedem muito. São orgulhosos e não insistem numa venda. No máximo propõem uma troca.

Amor

Os índios não gostam de viver sós. Os casamentos costumam durar a vida toda, porque é diferente a relação entre os casais. Não há, como na civilização, uma super-valorização da aparência, e a fidelidade é uma coisa natural.

Sexualmente eles vivem bem, segundo depoimentos de homens e de mulheres. Tururim conta que os índios têm que ter relações sexuais com as mulheres todos os dias, senão elas ficam zangadas. Maria Coruja, uma índia mais desbocada, conforma: "E toda

noite. Se a coisa foi feita pra ser feita, a gente faz até gastar".

A questão do orgasmo da mulher índia sempre ficou meio nebuloso, porque elas são reservadas nestes assuntos. Mas Maria Coruja não deixou por menos. Na linguagem mais simples ela descreveu assim o orgasmo: "A gente fica muito agoniada, sente um gosto, aquele gosto gostoso, de doce de cortar".

Segundo Maria Coruja, não há na tribo dos Pataxós uma única índia que não goste de sua vida sexual.

Mesmo depois da menopausa as índias continuam amando normalmente, sem os grilos da mulher civilizada, e não há casos de impotência entre os índios. "Só depois dos 70 anos, mesmo assim se ele for doente", atesta o marido de Maria Coruja.

Também não foi registrado na aldeia nenhum tipo de relacionamento homossexual, embora os índios já tenham conhecimento deles através dos turistas de Porto Seguro.

Se ocorre de um marido trair a mulher, ou da mulher trair o marido, o que é raríssimo, de acordo com os depoimentos, os casais simplesmente se separam e vão viver com os novos pares. Pode também haver o perdão, se o que traiu prometer (e cumprir) que não vai mais fazer aquilo. Enfim, ninguém mata ninguém por ciúme.

Quando as pessoas se separam ou ficam viúvas elas se casam novamente, até uma idade avançada, como Alice, uma índia que mora na aldeia do Pará, a seis ou mais quilômetros de Barra Velha, a aldeia principal.

Alice casou-se quatro vezes, a última recentemente. Ela tem "mais de 80 anos" e conta que jamais viveria sem um homem. Nunca teve filhos, mas criou muitos filhos de seus maridos, dois viúvos de um separado. Agora cuida da sogra, uma velhinha de "muito mais de cem anos", que mora com ela na choça do Pará.

A forma como Alice refere-se aos seus companheiros, aos filhos destes, aos netos e bisnetos e à sogra (ambas são cegas) é com muita ternura. A sogra, além de cega, está paraplética, resultado de uma atrose que a deixou inválida há três anos.

Casas e comidas

As casas dos Pataxós são de adobe e pau-a-pique, com cobertura de madeira em forma de telha. Normalmente têm quatro cômodos, uma sala, uma cozinha pequena, um quarto para o casal e um quarto com uma tarimba grande, forrada de esteira, para todas as crianças. Como elas se casam muito cedo, na adolescência, este quarto é ocupado sempre por crianças menores de 12 anos.

É difícil ver uma panela na cozinha de um índio, nem ele é de oferecer comida. Todos falam que não almoçaram ainda, a qualquer hora do dia. Parece que eles passam a maior parte do tempo enganando o estômago com coco, cana, mandioca cozida e banana ou mamão.

Eles não sabem cozinhar. Comem os peixes e os crustáceos apenas fervidos na água com sal. Alice disse que faz arroz com leite de coco, mas a maioria das mulheres não tem dotes culinários. A farinha e o peixe é a base da alimentação, e quando eles comem arroz é apenas cozido na água com sal. Eles usam o óleo mas pouco, e não gostam de alho, verduras e temperos.

A mulher trabalha ao lado do marido, na lavoura, mas não pesca. O artesanato é feito tanto pelo homem quanto pela mulher, e o dinheiro é dividido. O marido de Maria Coruja dá todo o dinheiro que ganha para ela, que administra a casa e faz as compras necessárias, mas não é esta a relação normal da aldeia. O normal é o homem ganhar o dinheiro e administrar os gastos.

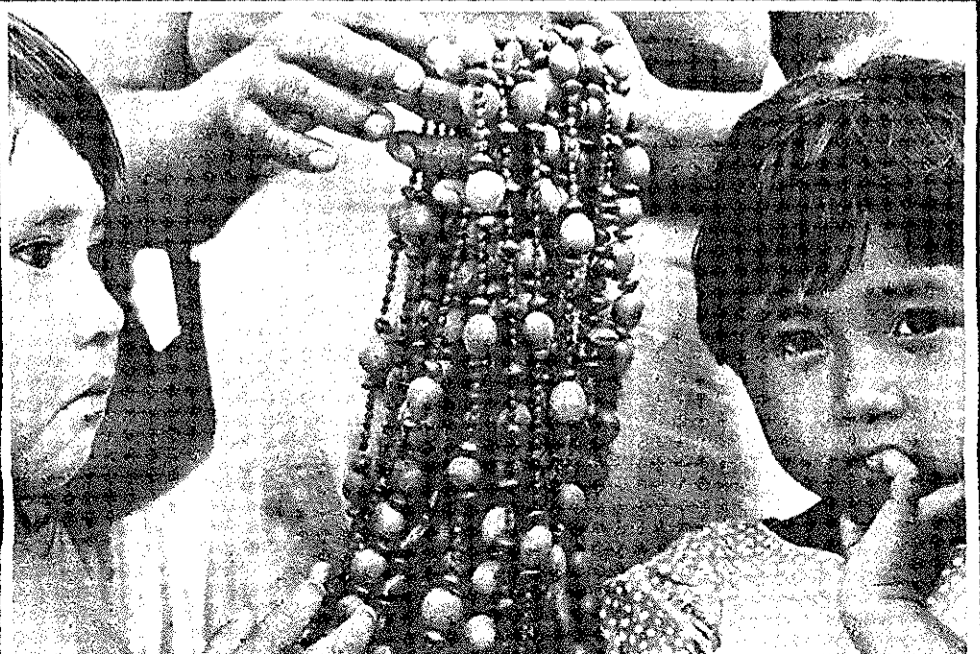
De um modo geral, os Pataxós estão satisfeitos com o tipo de vida que levam, mas gostariam de poder conciliar a vida simples da tribo com alguns confortos da civilização. Muitos já pensam em planejar melhor o número de filhos, como Maria Coruja, que tem oito e espera o nono.

Era dela a única criança que morreu na aldeia este ano, e ela só queria não engravidar mais por isso. "A gente vai ficando velha (ela tem 42 anos) e vai perdendo a coragem. Se eu pudesse eu não tinha mais filhos, porque da última vez que eu perdi a minha menina, em maio deste ano, eu também quase morri.

Mas eles não conhecem nenhum método anticoncepcional natural. Alguns já ouviram falar da pílula, mas o uso ainda não foi difundido na aldeia e há uma resistência a ela. E por isso que os Pataxós, que em 1951 eram apenas 400, são hoje 1.082.



As crianças, talvez pela liberdade em que vivem, dão menos trabalho que as crianças das cidades. Há um grande respeito para com os mais velhos e a educação é mais coletiva e menos restrita ao casal



Os pataxós cobram caro pelo seu artesanato